

ONTOLOGIA DO MOVIMENTO DE DESLOCAMENTO NO SKATE STREET EM RELAÇÃO À TRANSPOSIÇÃO DE OBSTÁCULOS.

Laura Correa Martiniano (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Giuliano Gomes de Assis Pimentel (Orientador), e-mail: ggapimentel@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências da Saúde/Maringá, PR.

Ciências da saúde, Educação Física

Palavras-chave: Educação Física, História do esporte, Manobras de skate.

Resumo:

Partindo de um estudo ontológico do skate, considerando seu surgimento e transformações dentro da sociedade capitalista, estudamos o conhecimento conceitual e procedimental de 4 praticantes dessa modalidade esportiva. Identificamos as manobras usuais para transposição de obstáculos urbanos na modalidade Skate Street. à luz da Ontologia Marxiana. Os movimentos mais recorrentes foram *Ollie*, *Varial* e *Flip*. O skatista é pouco consciente da historicidade da modalidade, apreendendo a realidade pela aparência.

Introdução

O skate é uma prática corporal de aventura que possui diferentes modalidades, sendo as principais: Vertical, Slalom, Downhill, Freestyle e Street. A modalidade Street é caracterizada pela prática com obstáculos que são encontrados no ambiente urbano. Com isso, além do lazer é um meio de transporte não poluente, desde que a cidade possua superfícies lisas. Ademais, ao encontrar obstáculos no ambiente urbano, o praticante faz uso manobras que tiram o skate do contato com o solo para transpô-los. As principais manobras de transposição utilizadas no deslocamento do Skate Street são: Ollie, Flip e Varial.

O skate, especialmente a modalidade Street, tem sido objeto de diferentes estudos na Educação Física, desde enfoques socioculturais (UVINHA, 2001) até biodinâmicos (BREVES, 2019). Evidenciamos, contudo, que mesmo com o reconhecimento do skate dentro das práticas corporais na BNCC, há poucos estudos pedagógicos e de perspectiva crítica. Nesse sentido propomo-nos a estuda-lo a partir da Ontologia Marxiana, que busca compreender a realidade a partir de um estudo científico da história e de suas condições reais e materiais. Frente a esta lacuna, o objetivo de nosso estudo foi investigar as manobras do Skate à luz das transformações

ocorridas ao longo da história da modalidade e sua relação dialética com o ser social.

Materiais e métodos

Inicialmente fizemos levantamento e estudo documental em língua portuguesa e inglesa sobre as questões históricas e materiais do desenvolvimento do skate, que serão as categorias analíticas de nosso estudo partindo do Materialismo Histórico Dialético. Além disso, realizamos entrevistas com quatro skatistas. Registramos e analisamos a compreensão desses praticantes da modalidade Street sobre sua própria prática, nos demonstrando quais são os limites da percepção da realidade implicados pela empiria. Por fim, enfatizamos o deslocamento no skate em relação aos obstáculos, por meio de adaptação do teste técnico proposto Oliveira (2017). O procedimento consistia em relatar as manobras usuais frente a cada obstáculo e como ele contextualiza a forma como evoluiu para executá-las.

Resultados e Discussão

1. Dimensões materiais e históricas do skate

Em relação à materialidade do Skate podemos identificar que os principais elementos que a compõem são: a estrutura urbana moderna; a evolução tecnológica das mantas asfálticas, que no Brasil foi maior no período de industrialização fabril e abertura ao capital estrangeiro, principalmente no ramo da indústria automobilística; as novas tecnologias esportivas próprias do skate, como a invenção das rodas de poliuretano (1972), dos *trucks* (eixos), a inclinação do *tail* (parte traseira do skate); e a globalização dos esportes pelos meios de comunicação, que permitiu a difusão de diversas modalidades por todo o mundo.

Do ponto de vista da historicidade, destacamos cinco momentos decisivos para o desenvolvimento do skate, quatro deles marcos progressivos e um regressivo. Dentre os marcos históricos, o primeiro se refere à meados da década de 1950, quando houve o ressurgimento do skate nos EUA, especificamente na Califórnia, com uma identidade totalmente ligada ao surfe. Lauro (2011) afirma que “os surfistas viram no skate uma ótima alternativa para a prática do surfe quando as ondas não estavam boas” ou também como outro tipo de meio de transporte.

O segundo momento data o ano de 1972, quando o skatista e engenheiro químico Frank Nashworthy revolucionou a prática do skate com a invenção das rodas de poliuretano, visto que antes de sua criação as rodas eram feitas de ferro ou plásticos rígidos e causavam muitos acidentes por problemas de durabilidade ou aderência ao solo.

O terceiro momento destacado foi a década de 1980, período em que o skate se ligou à contracultura da época, inicialmente o punk, depois o skate e o hip-hop. Essas manifestações de rebeldia juvenil foram

ferramentas necessárias para a apropriação dos espaços urbanos pelos skatistas, passando a se utilizar escadas, corrimões e outros obstáculos (BRANDÃO, 2012). Essa década é definida por Lauro (2011) como um momento de instabilidade para o skate, possivelmente pelo fato de que ao mesmo tempo em que se desenvolvia como prática, o skate estava sujeito ao olhar discriminatório de grande parte da sociedade devido à ligação com os novos movimentos que surgiam.

Já nos anos 90 o skate se virou para a direção profissional, além de ganhar espaço na televisão e em outras mídias. Explicitando esse fenômeno de esportivização, Tony Honorato (2013) aponta que a criação de campeonatos exigiu a classificação dos competidores e de suas manobras de acordo com nível técnico, gerando uma diferenciação na prática. A criação de confederações e regras determinadas seguidas pelos praticantes reforçou o caráter esportivo que o skate estava assumindo.

Em complemento, Uvinha (2001) exemplifica esse fato abordando a criação do Extreme Games (X Games), considerando-o “uma espécie de olimpíadas dos esportes radicais” que é organizado pela rede de televisão ESPN desde 1994. Ademais, o autor observa que empresas de fora do ramo esportivo foram patrocinadoras do X Games, visando vincular sua imagem ao evento e as modalidades. A partir do final dessa década o skate já estava amplamente difundido, com campeonatos em diversas partes do mundo, atletas profissionais e com espaço conquistado nas mídias (LAURO, 2011).

Consideramos como marco mais recente na história do skate a inclusão das modalidades Park e Street na relação de esportes dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, que em decorrência de uma crise global de saúde pública foram adiados.

2. Como os skatistas vivenciam a prática?

As manobras mais utilizadas ao se deparar com um obstáculo foram:

- (1) Ollie, que consiste em pressionar o pé traseiro no *tail* do skate, arrastar o pé dianteiro sobre a prancha e saltar, num movimento rápido e conjunto.
- (2) Flip ou Kickflip, que é uma variação do Ollie, na qual o skatista salta verticalmente e com um dos pés empurra a prancha para o lado, fazendo com que o skate gire em torno de seu próprio eixo na vertical; e o
- (3) Varial, que também é uma variação do Ollie, mas, ao contrário do Flip, o skate gira em torno do próprio eixo na horizontal.

Quando indagados sobre o fenômeno das manobras os skatistas revelaram não só sua utilidade de transposição, mas também uma forma de mensurar sua evolução dentro da própria prática, que depende da aprendizagem técnica e corporal desses movimentos. Assim, a percepção ontológica dos movimentos corporais e da historicidade do skate é por vezes limitada pelo empirismo.

A prática do skate permite ao praticante e a quem esteja envolvido apreender apenas uma fração do que é a realidade. A apreensão total só ocorre de fato mediante o conhecimento científico das condições materiais e históricas que possibilitaram ao skate ser o que tem sido na sociedade ocidental e capitalista. Por exemplo, embora o Brasil produza campeões na modalidade, ainda é dependente tecnologicamente do exterior.

Conclusões

Concluimos que o ser social do skatista é marcado pela empiria da prática, de onde retira o saber para as manobras, mas possui lacunas em relação à historicidade urbana e da modalidade, na sociedade capitalista.

Com esse estudo chegamos à compreensão de que a Educação Física em sua *práxis* dentro de uma perspectiva crítica deve apropriar-se de uma teoria científica que busque não só a aparência do que é o skate, mas sim como ocorre seu surgimento na história e sua relação com o ser social. Abordar as condições materiais que possibilitaram o desenvolvimento do skate é tão importante para a compreensão da prática deste quanto a própria técnica corporal, que na maior parte das vezes é tomada como única dimensão de ensino.

Agradecimentos

Ao Grupo de Estudos do Lazer/UEM pelo suporte na pesquisa e à Fundação Araucária pela concessão da bolsa.

Referências

BRANDÃO, L. Da cidade transfigurada à cidade transformada: culturas juvenis e a prática do skate (1970/1980). **História e Cultura**, v. 1, n. 2, p. 7-20, 2012.

BREVES, J. D. **Análise cinesiológica da remada no skate**. Relatório de Projeto de iniciação científica. Universidade Estadual de Maringá. 2019.

LAURO, F. A Skate: de vilão a mocinho. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA - Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura. **Anais do V CBAA**. São Paulo: Lexia. 2011.

HONORATO, T. The sportivization of skateboarding (1960-1990): relations between the macro and the micro. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 1, p. 95-112, 2013.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Manole, 2001.